



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-392-7

DOI 10.22533/at.ed.927202109

1. História – Pesquisa. 2. Historiografia. 3. História - Metodologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No e-book “Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História”, estão reunidos vinte e sete artigos que dialogam entre questões atualizadas e relevantes da pesquisa em história. São quatro grupos divididos por subtemas.

O primeiro grupo, do subtema “História, Educação e Metodologia”, são seis artigos que apresentam resultados em torno das instituições educacionais e debates educacionais no período imperial brasileiro, o papel da pesquisa (auto)biográfica, uma pesquisa que retrata particularidades do Exército brasileiro e propostas entre história e sala de aula.

O grupo dois, “Trabalho, Luta e Identidade”, são seis artigos, dentre eles, uma pesquisa que destaca o discurso do imperador japonês aos seus súditos justificando a rendição japonesa na segunda guerra mundial. Outros artigos destacam a luta operária e a construção de identidades numa interessante intriga historiográfica convidativa ao debate.

O grupo seguinte, “Cinema, Literatura e Arte”, são cinco artigos que trazem pesquisas atuais que entrelaçam história, cinema, arte e literatura. Este conjunto de pesquisas apontam para a pluralidade de possibilidades da pesquisa em história, vale a pena conferir.

Fecham o e-book, cinco artigos que dialogam sobre “Cidades e Particularidades”, trazendo informações das cidades de: Gramado/RS e a origem do turismo; Paraty/RJ de 1965 a 1920; o calçadão da Gameleira na cidade de Rio Branco/AC e; o cargo do Santo Ofício na Bahia.

Navegando pelo índice, com certeza, não menos que um, se não todos os subtemas lhe chamarão a atenção.

Aceite o prazer desta leitura!

Willian Douglas Guilherme
Organizador

SUMÁRIO

HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E METODOLOGIA

CAPÍTULO 1..... 1

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: UM DEBATE SOBRE AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DA CORTE IMPERIAL BRASILEIRA

Diego Dias Salgado

DOI 10.22533/at.ed.9272021091

CAPÍTULO 2..... 18

O REPOSICIONAMENTO POLÍTICO DO BARÃO DE ABIAHY NOS DEBATES EDUCACIONAIS DO FIM DO IMPÉRIO

Suênya do Nascimento Costa

DOI 10.22533/at.ed.9272021092

CAPÍTULO 3..... 28

UM OLHAR SOBRE A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Patrícia Simone de Araujo

Sônia Maria de Magalhães

DOI 10.22533/at.ed.9272021093

CAPÍTULO 4..... 39

A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Ivan de Freitas Vasconcelos Junior

DOI 10.22533/at.ed.9272021094

CAPÍTULO 5..... 46

INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A HISTÓRIA DO CONHECIMENTO SISTEMATIZADO

Paulo Augusto Tamanini

Gislânia Dias Soares

Ocimara Fernandes Negreiros Oliveira

Risalva Ferreira Nunes de Medeiros

Vanusa Maria Noronha Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.9272021095

CAPÍTULO 6..... 58

O PENSAMENTO HISTÓRICO: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE AULA

Fabricio Adriano

DOI 10.22533/at.ed.9272021096

TRABALHO, LUTA E IDENTIDADE

CAPÍTULO 7..... 70

A HONRA MESMO NA TERRA-ARRASADA: O ORGULHO JAPONÊS OBSERVADO NO ÉDITO IMPERIAL AO POVO DO JAPÃO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1945)

Pedro Antonio Saraiva de Carvalho Pereira Francez

DOI 10.22533/at.ed.9272021097

CAPÍTULO 8..... 77

A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO DE MENINOS NEGROS NA ESCOLA CENTRAL DE MACEIÓ (1887-1893)

Marcondes dos Santos Lima

DOI 10.22533/at.ed.9272021098

CAPÍTULO 9..... 87

DIREITOS TERRITORIAIS: AS LUTAS E AS “BATALHAS” EM BUSCA DE RECONHECIMENTO DE DIREITOS

Elisandra Cantanhede Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.9272021099

CAPÍTULO 10..... 97

JACY, A OPERÁRIA: DEFENDENDO DIREITOS TRABALHISTAS. IMBITUVA/PR, 1966

Raiele Kollaritsch

Vania Vaz

DOI 10.22533/at.ed.92720210910

CAPÍTULO 11..... 109

PROCESSO SOCIO-HISTÓRICO E O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

DOI 10.22533/at.ed.92720210911

CAPÍTULO 12..... 121

HERÓIS OU BANDIDOS? AS REPRESENTAÇÕES DAS MILÍCIAS NO RIO DE JANEIRO (2007-2010)

Michelle Airam da Costa Chaves

DOI 10.22533/at.ed.92720210912

CAPÍTULO 13..... 133

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INTOLERÂNCIA AO CIGANO: DO MITO DO SURGIMENTO DOS CIGANOS AOS MATERIAIS DIVULGADOS EM SALA DE AULA

Marcio Edovilson Arcas

Ademilson Batista Paes

DOI 10.22533/at.ed.92720210913

CAPÍTULO 14	146
O SERTÃO ENTRE O ANTIGO E O MODERNO? APONTAMENTOS DO TEMPO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA E OS USOS DA SINCRONIA PARA A COMPLEXIFICAÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.92720210914	
CAPÍTULO 15	156
CONTEXTO PROFISSIONAL DO BAILARINO: ASPECTOS HISTÓRICOS	
Ana Lígia Trindade	
Patrícia Kayser Vargas Mangan	
DOI 10.22533/at.ed.92720210915	
CAPÍTULO 16	166
DAS DANÇAS SACRAS E PROFANAS NO BRASIL COLONIAL: TRANSFORMAÇÕES, IDENTIDADES E APROPRIAÇÃO	
Jéssica Viana Marques	
João Balduino de Brito Neto	
Mikaela Dantas Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.92720210916	
CAPÍTULO 17	173
RESGATANDO VOZES E REMEMORANDO HISTÓRIAS: O LUGAR DE FALA ZAPATISTA NAS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA	
Rodrigo de Moraes Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.92720210917	
CINEMA, LITERATURA E ARTE	
CAPÍTULO 18	183
A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA COMO EXPRESSÃO DE INTERCULTURALIDADE NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO	
Harley Pereira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92720210918	
CAPÍTULO 19	192
OPERACIÓN MASACRE (1972) E O CINEMA DE INTERVENÇÃO POLÍTICA NA ARGENTINA	
Mirela Bansi Machado	
DOI 10.22533/at.ed.92720210919	
CAPÍTULO 20	201
DISCURSOS LITERÁRIOS E CINEMATOGRAFICOS SOBRE O FEMININO: IDENTIDADE, FEMINISMO E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DO FILME “AS HORAS” (2002)	
Natália Gomes da Silva Machado	
DOI 10.22533/at.ed.92720210920	

CAPÍTULO 21.....217

O FENÔMENO MIGRATÓRIO NAS OBRAS: O QUINZE, VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA

Aline Vieira Fernandes

Mayara Benevenuto Duarte

DOI 10.22533/at.ed.92720210921

CAPÍTULO 22.....229

“UMA SENHORA BRASILEIRA EM SEU LAR”: REPRESENTAÇÕES DE LEITORAS PELOS PINCÉIS DE DEBRET

Sílvia Rachi

DOI 10.22533/at.ed.92720210922

CIDADES E PARTICULARIDADES

CAPÍTULO 23.....242

“UMA VERDADEIRA SUIÇA BRASILEIRA”: ORIGENS DO TURISMO EM GRAMADO (RIO GRANDE DO SUL, SÉCULOS XIX-XX)

Eduardo da Silva Weber

Daniel Luciano Gevehr

DOI 10.22533/at.ed.92720210923

CAPÍTULO 24.....255

PROCESSOS NATURAIS E ANTRÓPICOS DE ALTERAÇÃO DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE PARATY, BRASIL, 1965-2020

Rodrigo Zambrotti Pinaud

DOI 10.22533/at.ed.92720210924

CAPÍTULO 25.....267

O CALÇADÃO DA GAMELEIRA EM RIO BRANCO, ACRE: UMA LEITURA CRÍTICA À LUZ DOS CONCEITOS DE CESARE BRANDI

Pedro Augusto Queiroz de Souza

DOI 10.22533/at.ed.92720210925

CAPÍTULO 26.....279

ITABAIANA: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA CARÊNCIA DE CONSCIENTIZAÇÃO PATRIMONIAL COMO AMEAÇA À MEMÓRIA EDIFICADA

Nycole de Araújo Régis

Charles Andrade Pereira

DOI 10.22533/at.ed.92720210926

CAPÍTULO 27.....284

O CARGO DE FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO E AS HABILITAÇÕES INCOMPLETAS PARA BAHIA

Cleílton Chaga Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.92720210927

SOBRE O ORGANIZADOR.....	294
ÍNDICE REMISSIVO.....	295

CAPÍTULO 20

DISCURSOS LITERÁRIOS E CINEMATOGRAFICOS SOBRE O FEMININO: IDENTIDADE, FEMINISMO E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DO FILME “AS HORAS” (2002)

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 05/06/2020

Natália Gomes da Silva Machado

Instituto Federal de Goiás- Campus Goiânia.
Goiânia- Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/648411825495691>

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo inicial entender o cinema não só como representação artística, mas como canal para exteriorização de mazelas sociais, expressões culturais, instrumento pedagógico e político, utilizado para a construção, rupturas e/ou manutenção de práticas sociais. Sendo assim compreendemos que o cinema é local de disputa política e ideológica e através da Teoria Feminista do Cinema buscaremos entender a luta por espaço de representação e a importância do discurso feminista cinematográfico para a história das mulheres. Nesse sentido analisaremos o filme “As Horas”, dirigido por Stephen Daldry, que é uma adaptação do livro homônimo de Michael Cunningham. Através da intertextualidade com a obra Mrs. Dalloway de Virginia Woolf, o livro e o filme criam as linhas gerais para se falar da insatisfação feminina ocasionada pelo contexto social repressor, exteriorizado nos quadros clínicos de depressão nas décadas de 1920, 1950 e 2000. Através da análise da linguagem cinematográfica em diálogo com a obra literária vislumbramos aqui identificar a contribuição do filme supracitado para o entendimento do lugar feminino no cinema como ação de resistência e

denúncia às opressões das convenções sociais sobre a mulher no cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Cinema, Linguagem, Representação e História.

LITERARY AND CINEMATOGRAPHIC SPEECHES ABOUT THE FEMALE: IDENTITY, FEMINISM AND REPRESENTATION THROUGH THE FILM “AS HORAS” (2002)

ABSTRACT: This study aims to understand cinema not only as an artistic representation, but as a way to express social ills, cultural expressions, pedagogical and political subjects, used for the construction, ruptures and/or maintenance of social practices. This way we understand that cinema is a field full of political and ideological disputes. Through the Feminist Theory of cinema we will seek to understand the struggle for space of representation and the meaning of the Feminist Cinematographic speech for the women history. Thinking this way, we will analyse the movie “As Horas” (“The Hours” - translated to English), directed by Stephen Daldry, that is Michael’s Cunnig book adaptation, named “As Horas” as well. Through the intertextuality with the work os Mrs.Dalloway by Virginia Woolf, the movie and the book create a general discussion that reflect the famine dissatisfaction made by the oppression of the social context, revealed by the clinical cases of depression in the decades of 1920 and 1950. From the analysis of the Cinematographic language in dialogue with the literary work, we glimpse here to identify the contribution of the movie above-mentioned to

understand the female place in the cinema as resistance action and denouement to the oppressive social conventions on woman's everyday life.

KEYWORDS: Genre, Cinema, Language, Representation and History.

1 | INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste trabalho, traçar as primeiras considerações encontradas no recente processo de pesquisa, partilhadas no grupo de estudos sobre Cinema e Transmodernidade do Instituto Federal de Goiás–Campus Goiânia, no que se refere a relação existente entre cinema, gênero e História. O foco deste trabalho reside na história do discurso feminino no cinema, esboçando a importância deste para o movimento feminista e para a história das mulheres. Assim, visa contextualizar as influências culturais, políticas e econômicas das décadas de 1920 e 1950 para a formação das identidades femininas construídas pelo meio cinematográfico. O recorte advém da própria fonte, o filme “As Horas”, de Stephen Daldry, que conduz a uma análise sobre o ponto de vista social e cultural, alicerçados e intrínsecos aos estudos referentes ao feminismo e ao adoecimento psicológico das mulheres. Em nossa análise, o foco primordial se direcionará para como o discurso fílmico sobre as mulheres refrata e se imbrica a história das mulheres. Delimitamos então a fonte *As Horas* pois entendemos que “toda pesquisa histórica se articula com o lugar de produção socioeconômico, político e cultural do pesquisador” (CERTEAU, 2006, p. 66), logo as temáticas abordadas no longa são caras as particularidades desta pesquisa e de demandas sociais do nosso tempo. Deste modo há uma preocupação latente com este lugar, pois todo lugar se articula a um emaranhado de vozes e discursos sociais, econômicos, políticos e culturais. Compreender tais discursos em suas especificidades históricas é, pois, o trabalho do historiador e nosso objetivo inicial.

O filme *As Horas* (2002), foi dirigido por Stephen Daldry, que é uma adaptação do livro homônimo de Michael Cunningham. Nossa análise de fonte se estenderá à relação existente entre a obra cinematográfica lançada em 15 de dezembro de 2002 nos Estados Unidos e as duas obras literárias com quem o filme dialoga. A primeira obra literária é o romance de 1998 *As Horas*, vencedor do prêmio Pulitzer em 1999. A segunda obra literária é *Mrs. Dalloway*, escrita por Virginia Woolf e publicada em 14 de maio de 1925 na Inglaterra. Uma vez que todas as personagens do romance de Cunningham estão relacionadas com o livro de Virginia, este romance se conecta ao discurso fílmico. Deixamos esclarecido aqui, que um filme só pode ser analisado historicamente, se levar em consideração suas temporalidades, autorias e linguagens distintas. *As Horas* tem como título original *The Hours*, compreende o gênero drama, com tempo de duração de 114 Min e fora lançado nos EUA em 2002. Foi dirigido por Stephen Daldry, com roteiro do próprio Michael Cunningham e produzido por Robert Fox e Scott Rudin. O filme teve uma recepção positiva da crítica, tendo sido indicado a diversas premiações. Dentre elas, recebeu nove indicações ao Oscar,

venceu na categoria de melhor atriz com Nicole Kidman.

O roteiro aborda a história de três mulheres diferentes, em décadas diferentes, um dia nas vidas de cada uma delas. Os elementos que as conectam são, o livro escrito por Virginia na década de 1920 e lido pelas personagens citadas a cima nas décadas posteriores, bem como as inquietações nervosas e depressivas que as personagens estavam acometidas. As três mulheres em décadas diferentes, passam por sofrimentos semelhantes, sofrimentos estes provenientes, em sua quase totalidade, das estruturas sociais de suas devidas temporalidades. São elas: Virginia Woolf (Nicole Kidman), Laura Brown (Juliane Moore) e Clarissa Vaughan (Meryl Streep). Um filme é um artefato linguístico com muitas camadas. Não é só um texto falado e ou interpretado, o filme é uma narrativa e um discurso. Tudo que aparece na montagem final, incluindo as opções de montagem são signos de diálogo. Fotografia, cenário e figurino também transmitem mensagens e só através da análise do todo de suas implicações e contextos é que se torna possível uma análise histórica do objeto fílmico. Compreendemos assim a importância de se observar os indivíduos por detrás da criação. Filmes são objetos culturais e políticos, capazes de adentrar e comunicar em todas as camadas que compõem o nosso sistema de organização social. O problema deste trabalho consiste então, em compreender a relação dialógica entre o cinema e a sociedade, assumindo o cinema aqui enquanto linguagem emancipada, como obra de arte, como canal discursivo, como objeto político e local de disputa. Nesse sentido, dentro do discurso fílmico tentaremos compreender suas reflexões sobre o feminino, sobre a repressão ao ser feminino, no que se refere à vida social e privada das mulheres ao longo das décadas supracitadas e como essa vida é representada na contemporaneidade.

Vale ressaltar que nossa análise se recorta ao espaço inglês nos anos 1920 e estadunidense nos anos 1950. Tentaremos relacionar a narrativa fílmica com os contextos históricos representados, analisando o conteúdo dessas representações. Fundamental neste capítulo é o entendimento da figura que Virginia denomina de “Anjo do lar” e que se encontra no livro *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, ensaio de 1931. O propósito deste tópico está em entender como o lar se transforma em um mecanismo de opressão e cerceamento do ser feminino. Posteriormente, neste mesmo capítulo, tentaremos desdobrar sobre o contexto do American way of life através da relação da dominação masculina com os interesses capitalistas e midiáticos para repressão feminina. Para esta relação, utilizaremos o livro “Mística Feminina” de Betty Friedan. O objetivo desse tópico é relacionar a representação de *As Horas* com as insurgências feministas dos anos de 1950 nos Estados Unidos e a segunda onda clássica do feminismo. Para tal, buscaremos identificar quais elementos narrativos são eleitos pelo diretor Stephen Daldry na adaptação fílmica e que estão presentes nas três narrativas das personagens protagonistas.

21 OS DISCURSOS CINEMATOGRAFICOS E LITERARIOS EM AS HORAS

Compreendemos que o objetivo do historiador em conceber como fonte histórica a linguagem cinematográfica, só pode ser feita quando este analisa as omissões, adaptações e falsificação que o integram, pois não há como conceber uma representação como verdade absoluta. (Cf. NAPOLITANO, 2006, p. 237). Cinema e literatura são sempre, representações do real, que dialogam com este real.

Sobre a constante intertextualidade e diálogo da obra fílmica com a literatura, acreditamos que é no processo semiótico que a adaptação necessita ser entendida. Não como uma obra adjacente, ou cópia de um texto histórico ou literário, mas como obra, capaz de recriar, criticar e atualizar os significados do texto original. Criando assim, um novo discurso e uma nova obra artística. De acordo com Robert Stam (2008), pontuamos que toda produção artística baseada em outro antecedente não é uma cópia ou uma tentativa de adaptação fiel. O cinema não se configura como um livro contado a partir de estímulos audiovisuais. Entendemos o cinema como linguagem emancipada, que não precisa assumir compromisso com uma relação de fidelidade. Para Robert Stam, o próprio termo fidelidade está cheio de problematizações: “A mediocridade de algumas adaptações e a parcial persuasão de fidelidade, não deveriam nos levar a endossar a fidelidade como um princípio metodológico [...] Uma adaptação é automaticamente diferente do original, devido à mudança do meio de comunicação” (STAM, 2008, p. 20). Logo ao entendermos o cinema como linguagem, compreendemos que toda adaptação é inerente ao que está dado historicamente, porém trata-se de uma nova expressão artística, que dialoga sistematicamente com as obras anteriores e com as demandas de seu tempo.

A adaptação fílmica é também uma criação artística, e se é criação artística detém assim um autor e ou criador. Não pretendemos resumir o ato estético de criar a seus autores e para tal compreensão nos é caro entender a diferença do autor-pessoa para o autor-criador. Segundo Carlos Alberto Faraco, o autor-criador em Bakhtin é aquele que dá forma ao conteúdo estético, e que a partir de uma posição axiológica, recorta e o organiza. Por consequência, essa escolha não é de propriedade única do autor, pois este o faz em diálogo com as múltiplas vozes que o perpassam (Cf. FARACO, 2017, p. 39). Um grande problema ao se analisar uma obra literária ou uma obra fílmica, se estabelece na confusão sobre as dimensões de autor-pessoa e autor-criador. Em alguns casos as coincidências biográficas entre autor e personagem, acabam por anular a totalidade do personagem em prol da vida do autor-pessoa.

As tentativas mais sérias de empreender um enfoque de princípio do personagem partem de métodos biográficos e sociológicos, mas esses métodos tampouco são dotados de uma concepção estético-formal suficientemente aprofundada do princípio estético basilar da relação entre personagem e autor, pois o substituem por relações e fatores sociais e psicológicos transgressíveis à consciência criadora: o personagem e o autor

acabam não sendo elementos de todo artístico da obra, mas elementos de uma unidade prosaicamente concebida da vida psicológica e social (BAKHTIN, 2010, p. 07).

Deste modo acontece uma anulação da complexidade estética autônoma do personagem pelos fatos coincidentes com a vida do autor-pessoa, relação esta que não desejamos traçar na análise de *As Horas*. Compreendemos a biografia do autor-pessoa como elemento importante do contexto de produção do ato-artístico, mas não como estrutura determinante dos personagens criados esteticamente. Esta relação se estabelece, pois, para Bakhtin, toda ação é um ato, no caso da autoria um ato-criativo, logo não existe arte sem responsividade. O ato-criativo abarca uma complexa rede de refração da vida para a arte, concomitantemente o autor-criador é então o responsável pela criação do objeto estético e suas ações axiológicas se separam do autor-pessoa. Assim toda prática cultural só pode ser compreendida em sua semiose, quando se estabelece a relação responsiva ao contexto de produção e recepção. “Para se aprender a base dessa conceituação, é importante assinalar que, para Bakhtin, a grande força que move o universo das práticas culturais são precisamente as posições socioavaliativas postas em uma dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas” (FARACO, Carlos. 2017, p. 38). Logo, só é possível compreender a relação entre autor-pessoa e autor-criador quando nos debruçamos sobre o ato da autoria. Escrever e/ou dirigir um filme, é um ato que não se desloca do seu tempo e é sempre dialógico com o mesmo. Para Bakhtin, o ato não pode ser visto apenas como uma ação humana mecânica e isolada, pois toda ação humana se integra a uma rede de eventos que deliberam um sentido. “Em Bakhtin, ato/atividade não se confundem com a ação física, ainda que a englobem, sendo sempre entendidos como agir humano, [...] [é uma] ação situada a que é atribuído ativamente um sentido no momento mesmo que é realizado”. (SOBRAL, Adail. 2017, p. 13).

Observa-se que Bakhtin não trabalha com significado e sim com sentido. O termo orienta toda a lógica do diálogo responsivo, pois “para ele, só o sentido responde a perguntas; o significado não responde a perguntas e por isso está fora do diálogo” (TODOROV, 2010, p. 03). Deste modo, assumimos aqui que a autoria é um ato estético responsivo e dialógico. É o sentido que gera a concretude do que é criado pelo sujeito, ou seja, atividade estética só é plena em sua geração de sentido. Portanto todo personagem provém da relação intrínseca entre real e estético. Nenhum personagem poderia ser criado sem a participação em sua gênese destes dois elementos, pois o ato de criar nasce da relação do autor com a realidade concreta e da relação do autor com apreensão estética subjetiva. Logo “todo romance representa artisticamente a vida em um autodesenvolvimento que independe do autor, de sua vontade consciente e de suas tendências” (BEZERRA, 2017, p. 199). Compreende-se aqui que a criação estética passa pelos lapsos subjetivos de seu criador. Deste modo, a noção de estética aqui trabalhada orienta-se por “recordar o significado etimológico original da palavra estética, [...] Aisthisis é a experiência sensorial

da percepção. O campo original da estética não é a arte, mas a realidade-natureza natural corpórea” (MORSS, 2012, p. 157). Logo não se pode apartar arte da sensibilidade e do subjetivo humano, estética é sensibilidade.

O que aqui tentamos compreender é a relação da arte com a vida, pois dizer que o autor gera vozes independentes e autônomas pode gerar confusões e epifanias, pois para Bakhtin nenhum ato se desloca da sua capacidade responsiva, logo “arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade” (TODOROV, 2010, p. 26). Assim, embora o autor-pessoa seja sempre capaz de atender responsivamente por sua obra, ele não necessariamente a explica por completo, tendo em vista que a função estética do autor-criador só tem sentido no ato de criação da arte, o que pode escapar ao próprio autor-pessoa.

No cinema, as discussões sobre a autoria circundam a década de 1950. Reflexões em torno do status do cinema como arte tão elevada quanto o romance ou a pintura emergem junto a compreensão do cinema como linguagem emancipada que contribuem para a compreensão do filme como obra autoral de um diretor. A crítica à teoria do cinema passou a trabalhar intensamente a noção de autorismo, noção que se estabeleceu por reflexões como a de Alexandre Astruc e sua contribuição com o conceito de câmeracaneta. Astruco estava pondo em voga como o trabalho do diretor era extremamente subjetivo, compreendendo que um mesmo roteiro filmado por duas pessoas diferentes, iria culminar em obras diferentes, ou seja, o diretor não era mais um fantoche técnico do roteiro, este tinha tanta autoria da obra fílmica como o escritor da obra literária. “A novidade da teoria do autor estava em sugerir que também cineastas de estúdio como Hawks e Minnelli eram autores” (STAM, 2006, p. 10.) Nas discussões posteriores como aponta Stam (2006) a semiologia do cinema vai compreender que todo diretor é um artista, pois o cerne básico do cinema é arte, mesmo que seja impossível resumir que a autoria estética do filme possa ser atribuída apenas ao seu diretor.

No cinema, ficção e realidade se misturam nas subjetividades do espectador e são reverberadas no cotidiano dos coletivos. Desse modo, cinema é manipulação, mesmo o que se baseia na “realidade”, seu produto final é uma manipulação de todos os agentes que integraram sua criação. Manipulação que é detentora de um discurso singular, sendo esta natureza linguística que se deve levar em conta em uma análise dentro do campo historiográfico (Cf. NAPOLITANO, 2006). Pois só analisando a produção fílmica no seu contexto sócio-político e as tendências sociais do momento de sua criação é que se faz possível compreender a complexidade da obra cinematográfica como um poderoso canal de repercussão, manutenção e rompimentos de comportamentos e práticas sociais; pois a linguagem tem o poder de impactar a realidade social através dos atos de elocução dos sujeitos falantes.

Quando um autor conseguia criar múltiplas consciências para seus personagens e mantê-las em pé de igualdade com a consciência do autor, este autor estava escrevendo

por bases polifônicas (Cf. STAM, 1992). Sendo assim, este trabalho pretende considerar a obra de Virgínia sob o prisma da polifonia e fluxo de consciência. O fluxo de consciência é uma técnica da teoria literária moderna, onde o autor consegue em tese dar voz a seu personagem ao passo que este tenha um fluxo tão contínuo de pensamentos que suas exteriorizações ultrapassem e até sejam divergentes do pensamento do autor, ou seja, o fluxo de consciência se exterioriza nos discursos das camadas subjetivas. Por sua vez, a polifonia para Bakhtin se configura na concepção de múltiplas vozes que coexistem e dialogam entre si, refratando o meio social de sua produção, para Robert Stam, a polifonia de Bakhtin, refere-se “embora de outro ângulo, ao mesmo fenômeno designado por dialogismo e heteroglossia” (STAM, 1992, p. 96). Logo a polifonia consiste em uma pluralidade de vozes dinâmicas que geram algo maior do que elas, levando para o cinema ou para a literatura uma evidente relevância cultural. No romance *Mrs. Dalloway* o fluxo de consciência pode ser observado na escolha estética que produz a narrativa da autora. A narrativa acompanha o pensamento de Clarrisa Dalloway, em seus pensamentos sobre o que está fazendo no presente, sobre o que está vendo, ouvindo e sentido, ou seja, experienciando. A narrativa mergulha em seus pensamentos sobre o agora e o passado, bem como percepções, intuições e desejos. Ou seja, no fluxo de consciência o leitor passa por uma mesma narrativa, fluída e articulada entre diferentes percepções e consciências de um mesmo ato, fato ou memória. Segundo Gelinski (2010), o fluxo de consciência consiste em mostrar a continuidade de acontecimentos como ocorrem mentalmente. E esta técnica também pode ser obtida no cinema sem e ou com o uso de flashback, flashforward ou de narração em off. Este é um feito alcançado pelo diretor de *As Horas*, ao traduzir para o cinema os processos que no livro de Cunningham e Woolf são o fluxo de consciência. Ainda segundo Gelinski, o fluxo de consciência é constituído em uma estreita relação com o tempo e o espaço. Esta distorção temporal é proveniente da capacidade de articular passado e suas reminiscências com o presente. A autora ainda observa que no romance *Mrs. Dalloway*, de Woolf, o tempo está no passado, porém as ações se conservam no presente. Segundo Gelinski (2010) em *As Horas* o espaço mostra-se bem delimitado e elaborado através do cenário, figurino e fotografia de cada temporalidade (1920, 1950 e 2000) relacionando os locais de residência de seus personagens com suas características psicológicas.

No longa, as cenas de acordar, lavar o rosto, arrumar o cabelo e comprar flores intercalam-se entre as três personagens principais, relacionando três momentos diferentes, com um grande intervalo de tempo. [...] Então nesse momento o tempo passa a ser o mesmo para as ações das diferentes mulheres. O tempo, parece não ter mudado, embora, os acontecimentos estejam ocorrendo em épocas diferentes (GELINSKI, 2010, p. 127). Deste modo em *As Horas* espaço e tempo são elementos da narrativa, pois Daldry consegue representar, como acontecimentos podem estar separados por anos cronológicos e ainda sim manter os mesmos padrões no tempo psicológico. É nesta relação estética que a

dimensão político-social também se estabelece.

Mrs. Dalloway e As Horas, tanto a obra cinematográfica, quanto literária são percebidos por este trabalho como obras polifônicas por suas capacidades de diálogo com múltiplas vozes sociais, pela representação de personagens inacabados, e pelo trabalho autoral de orquestração de diferentes vozes, admitindo assim a existência do outro. Os personagens não são objetos de discurso somente do autor, pois neste caso, a consciência dos personagens é construída nos diálogos com a sociedade. “O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente de um coro de vozes que participam de um processo dialógico” (BEZERRA, 2017, p 194). Ou seja, as representações criadas esteticamente não estão a serviço do autor-criador, como um fantoche fabricado para um diálogo existente só entre autor e personagem. As representações dialógicas são inacabadas justamente por estarem abertas ao outro.

Neste sentido outro conceito de extrema importância nesta pesquisa é o de representação de Roger Chartier (2002). Para este autor, as percepções sobre o social e o seu contexto não se constroem de maneira neutra: os discursos e o local de fala de seus enunciadorez produzem práticas que tentam legitimar estas percepções. “As percepções sociais não são de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, a legitimar [...] para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 2002, p. 17). É neste sentido que a luta por representação afirma sua importância política, pois para compreender como um grupo tenta impor sua visão do mundo social, precisamos compreender os mecanismos de legitimação dos discursos de dominação. Considerando então, que as internalizações sociais dos signos destes discursos formulam novas lógicas e práticas sociais, teríamos assim um campo em disputa evidente. A representação é objeto central desta pesquisa no que tange à relação do feminino com a produção cinematográfica. Chartier salienta que a representação é “postulada entre o signo visível e o referente por ele significado, [...] a relação de representação – é entendida como relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo aquela por este” (CHARTIER, 2002, p. 21). Logo a representação assume um papel de assimilação do real, que pode ser interpretado como verossímil, causando então discursos de manipulação ou emancipação. Deixemos claro que a representação não é o real, mas sua capacidade de aproximação e refração, que se relaciona dialogicamente com o social. É o fator que aqui nos importa, pois, o cinema ao longo de sua história tem representado múltiplos comportamentos femininos e algumas destas representações passam a ser incorporadas e reafirmadas socialmente. Ou seja, como aponta Chartier, toda representação não corresponde ao real, mas sua atuação faz parte de uma realidade e por isso também se constitui de elementos que levam em conta contexto, cultura e as relações de poder e dominação.

A história cultural, tal como entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída,

pensada e dada a ler, [...] As representações sociais, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. (CHARTIER, Roger, 1988, p. 16-17). Nesse sentido entendemos que o feminino no cinema é representação, e que estas representações dialogam diretamente com a vida cotidiana dos sujeitos. Algumas destas representações são impostas e assumidas por décadas pelas mulheres, introjetadas ainda na infância e tidas como componentes biológicos femininos, enquanto outras são negadas e repudiadas pelo social.

Acreditamos assim que, em *As Horas*, a busca por voz e visibilidade no cinema se faz pela luta da desmistificação da figura feminina e por reconhecimento de igualdade enquanto ser. Esta reflexão se alinha ao de Simone de Beauvoir quando esta pontua que “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1980, p.99). A categoria biológica foi substituída por uma construção social do “ser mulher”, e todos os componentes biológicos foram utilizados, pelos meios sociais, para subjugar as mulheres aos desejos masculinos (Cf. FRANCHETTO, 1981). O que inclui o cinema com reforçador de estereótipos sociais encenados como biológicos. Sendo assim, esta pesquisa compreende o cinema como linguagem capaz de ter voz social. A partir desse ponto entendemos que a frequente inquietação e desmotivação feminina, exteriorizados nos casos clínicos depressivos, se relacionam com ferrenhas imposições sociais, aparelhados pelos produtos culturais.

Para tal compreensão o conceito de dialogismo aqui se faz muito necessário, pois para Bakhtin o diálogo está intrínseco a toda produção humana, sendo ela de cunho oral ou literário. O diálogo é percebido por Bakhtin por duas vias, como enunciado simples e enunciado complexo, sendo que as duas modalidades precisam ser assumidas como enunciados concretos. Em um enunciado concreto o signo de um discurso é compreendido pelo contexto exterior, ou seja, o extratexto também dialoga. Nisto entra entonação, expressão corporal e técnicas linguísticas como ironia, hipérbole, metáforas, metonímia e outras formas de se atribuir sentido que requerem leitura do contexto e não só do objeto. “Nessa perspectiva, o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente um processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação, e ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico” (BRAIT, MELO, 2017, p. 67). Por conseguinte, assumindo a linguagem cinematográfica como um enunciado complexo, compreendemos que sua capacidade enunciativa e sua multiplicidade subjetiva, está em sua capacidade de produzir enunciados concretos. É esta pluralidade de linguagens e suas capacidades autônomas que originam a polifonia, pois a circularidade do discurso enunciado e a interação das múltiplas vozes equalizadas produzem os discursos capazes de ressignificar as representações que reverberam nas práticas histórico-sociais.

Posto que todo indivíduo é um sujeito social, suas produções artísticas, por

consequente tendem a traçar reverberações semióticas e discursivas, ou seja, cinema e literatura são linguagens que produzem discursos heteroglóssicos que dialogam com as estruturas sociais de seu tempo. Compreendemos, portanto, que a história do cinema e da literatura precisam ser problematizadas em sua relação de produção com as posições de hegemonia cultural, econômica e políticas, como também devem ser averiguadas como mecanismos para exteriorização de vozes neutralizadas pelos discursos oficiais. Bakhtin rejeita o pensamento de dominação individual e das ideias. Para Bakhtin, toda construção cognitiva e consciência individual são, na verdade, um compilado dialógico. É nesse sentido, como vimos que Bakhtin questiona a própria formulação de autor e autoria, pois se o autor fosse o detentor de uma ideia única e original, este teria que formular algo totalmente do zero e sem a imbricação de uma formulação em consonância com a cultura, língua e historicidade do seu tempo. “Ideias são na realidade eventos intersubjetivos elaborados no ponto de encontro dialógico entre as consciências” (STAM, 1992, p. 37). Esta concepção de livre diálogo também está expressa nas reflexões de Bakhtin sobre a formulação dos personagens. O autor não deve exercer autoridade sobre o personagem, fazendo deste um local de fala apenas de seus ideais. Para Bakhtin o personagem não tem necessidade do autor para alavancar múltiplas vozes inconscientes, tendo em vista que este pensa o discurso como um prisma entre autor, leitor e intertextualidade subjetiva.

3 | AS HORAS E SEUS CONTEXTOS NARRATIVOS

Como apontado anteriormente, este capítulo pretende elencar as perspectivas narrativas de *As Horas*, considerando as especificidades das linguagens literárias de Virginia Woolf, Michael Cunningham e Stefan Daldry. Na primeira temporalidade o filme representa Virginia Woolf (Nicole Kidman), em 1923, escrevendo seu livro *Mrs. Dalloway* na medida em que enfrenta o processo de recuperação de seus problemas psicológicos. No processo da escrita de seu romance, a personagem de Virginia no filme luta pelos momentos de lucidez enquanto reflete sobre a vida, o tempo e a liberdade feminina. Seu trabalho como escritora é valorizado pelo marido Leonard, que é editor, ponto importante para se compreender do contexto em que vive Virginia. Entretanto, a relação de Virginia com o marido, que mesmo baseada em uma admiração e respeito, é representada dentro de uma hierarquia, onde a mesma não pode decidir-se por si só, sobre o local ou tratamento de sua saúde mental. Fica expressa na personagem, a insatisfação e o sentimento de inadequação a qualquer trabalho que não seja o intelectual, o que como sabemos, não era o esperado de nenhuma mulher em 1920. A casa, é, por conseguinte, um elemento fundante da narrativa fílmica: é ela que configura o aprisionamento de Virginia – e das demais personagens –, o aprisionamento feminino se configura no lar.

Deste modo, aqui nos interessa, primeiramente, o contexto social de produção do romance *Mrs. Dalloway*. Considerando que foi escrito na Inglaterra em 1925, nos é válido

pensar a relação do fim da primeira Guerra Mundial com a escrita da obra, as turbulências do período entre guerras e a mulheres. Pois, não é possível compreender as relações estabelecidas no século XX, sem antes pensar o impacto da Primeira Guerra Mundial para a História (Cf. HOBBSAWM, 1995). Sobre os britânicos, Hobsbawm afirma que não é de se surpreender que a Primeira Guerra Mundial tenha ficado em suas memórias como a maior e mais terrível das guerras. “Os britânicos perderam uma geração – meio milhão de homens com menos de trinta anos [...] Um quarto dos alunos de Oxford e Cambridge com menos de 25 anos que serviam ao exército em 1914 foi morto” (HOBBSAWM, 1995, p. 34). Além da grande perda humana, as mulheres tiveram que lidar com novas demandas do mundo em Guerra. Foram estas demandas que modificaram estruturas sociais e comportamentais. A entrada das mulheres no mundo do trabalho assalariado de forma mais efetiva é uma delas. Frisamos mundo do trabalho assalariado pois a mulher e o trabalho estiveram sempre unidas, entretanto relegadas ao campo domiciliar, porém seria equivocado dizer que todas as mulheres até o século XX estavam fora do mercado de trabalho, quando bem se sabe que as mulheres das classes menos favorecidas sempre exerceram funções fora de suas casas.

Virginia Woolf destacou sua compreensão sobre esta diferença dentro do mundo feminino, observando que a opressão de gênero também é perpassada pela opressão de classe e raça. Em 1931, Woolf fora convidada a falar para mulheres na Sociedade de Auxílio as Mulheres, sobre a colocação profissional da mulher. Na ocasião, a autora demarcou esta especificidade, dando como exemplo a si própria

Então ela teve uma ideia (Virginia), que no fundo é bem simples e barata enfiar algumas daquelas páginas dentro de um envelope, colocar um selo e pôr o envelope na caixa vermelha da esquina. Foi assim que virei jornalista; e meu trabalho foi recompensado no primeiro dia do mês seguinte – um dia gloriosíssimo para mim – com uma carta do editor e um cheque de uma libra, dez xelins e seis penses. Mas, para lhe mostrar que não mereço muito ser chamada de profissional, que não conheço muito as lutas e as dificuldades da vida de uma mulher profissional, devo admitir que, em vez de gastar aquele dinheiro com pão e manteiga, aluguel ou com a conta do açougueiro, saí e comprei um gato (WOOLF, 2012, p. 10-11).

Virginia é pontual em delimitar tais diferenças, pois as necessidades de uma mulher burguesa acabam por divergir das necessidades das mulheres de classes menos favorecidas economicamente, um destas divergências está no próprio acesso à leitura. Mrs. Dalloway e As Horas representam mulheres provenientes de classes mais abastadas, cada uma em seu tempo e contexto. Entretanto, Virginia lança um olhar para um problema que toda mulher acaba por enfrentar, em qualquer classe ou profissão que vá seguir, e deste modo elabora a figura do “Anjo do Lar”. O Anjo é um ser metafísico criado no corpo da sociedade patriarcal que acompanha as mulheres em suas múltiplas tarefas, compondo uma gama de cerceamentos. “E o fantasma era uma mulher, e quando conheci melhor,

dei a ela o nome da heroína de um famoso poema, ‘O Anjo do Lar’” (WOOLF, 2012, p. 11). Virginia se referia ao poema de Coventry Parmore, que enaltecia e idealizava o trabalho doméstico como atributo feminino, endossando estruturas vitorianas sobre o casamento e o papel da mulher. A escritora estava a dizer que em qualquer lugar ou profissão que as mulheres ocupassem estas ainda teriam que conviver com os fantasmas das obrigações e cerceamentos que estavam direcionadas somente ao humano do sexo feminino. “Na verdade, penso eu, ainda vai demorar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, [...] quem dirá nas novas profissões que agora vocês estão exercendo pela primeira vez?” (WOOLF, 2012, p. 17). Assim, a autora problematiza essa inserção das mulheres no mercado de trabalho assalariado, resultante não apenas da guerra, mas também da própria luta feminina em não se restringir ao mundo do privado.

Atentando-nos agora ao contexto histórico, compreendemos que sempre houve luta feminina por emancipação nas múltiplas e diversas sociedades. Ao pensarmos a história do feminismo, consideramos como marco a primeira onda feminista, mais objetivamente o movimento pelo sufrágio. Chamada por primeira onda, o movimento sufragista aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos civis. As sufragistas, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, faziam greves de fome e enfrentaram a polícia e as repressões das prisões.

A segunda linha narrativa do filme se passa em 1950, em Los Angeles onde Laura Brown (Julianne Moore) sofre em silêncio, em meio ao otimismo do American way of life. Casada, mãe de um menino de cinco anos e à espera do segundo filho, Laura tem como companhia o livro *Mrs. Dalloway* escrito por Virginia anos antes. Laura teria tudo para estar feliz, de acordo com a visão social da época: um bom marido, filhos e uma casa confortável com gramados verdes impecáveis. Não haveria, assim, motivos aparentes para seu descontentamento. Porém, está imersa em uma aparente tristeza e desesperança. Laura parece viver em estado de apatia e desinteresse, encontrando no livro de Virginia uma janela de fuga de sua realidade. Insatisfeita com a vida que levava, Laura se vê pronta para cometer suicídio. Ela vislumbra no suicídio a saída para o que sente. Laura não comete suicídio, mas não consegue permanecer na vida que levava e depois do nascimento do segundo filho, abandona a família em busca de um sentido para si.

Até mesmo pelos contextos retratados na obra e pelo espaço onde a trama se desenvolve, é importante considerar a trajetória do movimento feminista no interior dos Estados Unidos, destacando-se a obra de Betty Friedan. A autora de *A mística Feminina*, Betty Naomi Goldstein, mais conhecida como Betty Friedan (1921- 2006) começou sua pesquisa sobre a constante infelicidade feminina em 1957. Tal empreitada buscou informações, investigando, através de relatos, entrevistas e questionários aplicados com mulheres casadas, solteiras, universitárias, mães, mulheres pouco escolarizadas

e de diferentes classes sociais. O livro é uma investigação sobre o que causava nas mulheres o constante sentimento de vazio e apatia pela vida na década de 1950. E suas considerações a respeito dos constantes problemas psicológicos femininos ocasionados pelo meio social repressor ainda se fazem atuais. Segundo Friedan, a partir da década de 1950 o trabalho feminino fora do ambiente doméstico voltou a ser desvalorizado e as mulheres foram impulsionadas a retornar para o lar e para a vida materna. Mantendo a mulher “domesticada”, toda a sociedade estaria mais segura em seus moldes econômicos e sociais. Mulheres e meninas foram mandadas ao sonho do casamento em detrimento de seus sonhos particulares e de uma vida singular que lhes desse algum sentido próprio, o que traduz uma estratégia midiática do mercado econômico para alavancar o incessante sistema de consumo capitalista do “american way of life” (Cf. FRIEDAN, 1971).

A mística que envolvia a mulher, colocava a vida feminina desde cedo como apêndice da vida masculina. Logo, sua maior notoriedade se dava pela conquista do bom casamento. Neste contexto, meninas foram empurradas da vida acadêmica em direção à vida doméstica, e cada vez mais cedo seus componentes físicos deveriam ser atributos para conquista masculina, não sobrando nada às mulheres senão viver em prol dos desejos e anseios masculinos. A “mística feminina” “objetifica” a mulher, circunscrevendo-a ao espaço doméstico, às atividades sexuais e à maternidade, configurando assim um padrão estético e de comportamento apropriado às mulheres. O adoecimento psicológico do ser feminino é explicado por Friedan quando esta expõe que o ser humano do sexo feminino, precisa mais de que apenas contemplação matrimonial e familiar para se constituir como sujeito emancipado. Consideramos, por conseguinte, que a mulher passou por um sistema autoritário de moldes sociais, que adoeceu as que se encaixaram tanto quanto as que não se encaixaram neste padrão. E todo aparato do marketing midiático capitalista que criou a figura de uma mulher ficcional desprovida de desejos - logo inexistentes - forçou e levou milhares de mulheres à anulação de seus desejos pessoais, em troca de uma segurança estética social. “Em completa desesperança sobre a vida, milhares de mulheres se sentiam culpadas por desejar mais e a falta de figuras femininas positivas que lhes dessem voz, contribui para o demorado processo de exteriorização desses sentimentos e sofrimentos”. (FRIEDAN, 1971, p. 31).

Quanto ao cinema, ficção e realidade se misturam nas subjetividades do espectador e são reverberadas no cotidiano dos coletivos. Desse modo cinema é manipulação, mesmo o que se baseia na “realidade”, seu produto final é uma manipulação de todos os agentes que integraram sua criação e formação como sujeitos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel feminino no cinema é representação, e estas representações dialogam diretamente com a vida cotidiana das mulheres. Algumas destas representações impostas

por décadas as mulheres, ainda na infância e tidas como componentes biológicos femininos, são canais de cerceamento do ser feminino. Por isto, busca por voz e visibilidade no cinema se faz através da desmistificação da figura feminina e por reconhecimento de igualdade enquanto ser. “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1980, p.99). No processo dialético de estudo, a categoria biológica foi substituída por uma construção social do “ser mulher”, e todos os componentes biológicos foram utilizados, pelos meios sociais, para subjugar as mulheres aos desejos masculinos. (Cf. FRANCHETTO, 1981). O que inclui o cinema com reforçador de estereótipos sociais encenados como biológicos. Sendo assim, esta pesquisa visa através da obra *As Horas* compreender o cinema como linguagem capaz de ter voz social e de denunciar sistemas de opressão ao feminino, bem como de ser mecanismo de opressão, cinema e literatura são áreas discursivas, sendo discursos, causam e reverberam disputas por poder.

Este trabalho esboça uma parte dos esforços da pesquisa sobre Cinema e Representação Feminina que fizemos através do filme “*As Horas*”, onde entendemos que o cinema como linguagem é capaz de ter voz social e que o frequente adoecimento psicológico feminino está intrínseco a relação com as ferrenhas imposições sociais reverberados por mídias culturais. Assim concluímos a importância do cinema, como canal de exteriorização dos problemas e anseios femininos, e observando que este contribui e reverbera discursos ficcionais ou não, que passam a ser aceitos e repercutidos socialmente. Sendo este o fator motriz da causa feminina no cinema. As reflexões aqui postas não abarcam a totalidade das questões que podem ser averiguadas em *As Horas*, tendo sido deixadas para uma oportunidade posterior.

REFERÊNCIAS

- AS HORAS:** Stephen Daldry, Imagem Filmes por Scott Rudin. Estados Unidos, 2003.
- CUNNINGHAM, Michael. **As Horas**. Companhia das Letras. São Paulo. 2003.
- ALVES, Carla Rosane S. Tavares; CONTRI, Andréia Mainardi; CAMARGO, Maria A. Santana. “**Literatura & Cinema: a perspectiva do feminino**”. Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão, Cruz Alta V. 02 nº 1, 2014. Disponível em: acesso em: 30 de abril de 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Ed.ForcnseUniversitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo. 2010.
- BEZERRA, Paulo. **Polifonia**. In: Brait, Beth. (Org.) Bakhtin Conceitos chaves. Ed.Contexto. 2017. p 191-201.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980

BRAIT, Beth. **Bakhtin conceitos chave**. São Paulo. Editora Contexto. 2017.

BRAIT, Beth. **Dialogismo e Polifonia**. São Paulo. Editora Contexto. 2017.

CAMARGO, Monica. **Versões do feminino: Virginia Woolf e a estética feminista**. São Paulo, USP. 2001.

CERTEAU, Michael. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, s/d, p. 17

FARACO, Carlos. **Autor e Autora**. In: Brait, Beth. (Org.) *Bakhtin Conceitos chaves*. Ed. Contexto. 2017. p 37- 61.

FRANCHETTO, B; CAVALCANTI, M. Laura V. C; HEILBORN, Maria Luiza. "**Antropologia e feminismo**" *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. V. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FRIEDAN, Betty. **A mística Feminina**. Petrópolis-RJ: Vozes Limitada, 1971.

GELINSKI, Rosana. "**Mrs. Dalloway no Cinema: O Fluxo de Consciência**". In. *UEPG Humanit. Sci. Appl.* Ponta Grossa, 18 (2). 2010.

HOBSBANWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo. Companhia das Letras. 1995.

INGRAN, M. **Virginia Woolf;s psychiatric history**. Disponível em: <http://ourworld.compuserve.com/homepages/malcolmi/vwframe.htm>. Acessado: setembro 2017.

MORSS, Susan Buck. "**Estética e anestésica: uma reconsideração de A Obra de arte de Walter Benjamin**". In. *Benjamin e a obra de arte técnica, imagem, percepção, Contraponto*, 1992, 155-204

NAPOLITANO, Marcos. "**A História depois do papel**". In: PINSKY, Carla. *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2006

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas: Papirus, 2006.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SOBRAL, Adail. **Autor e Autoria**. In: Brait, Beth. (Org) *Bakhtin Conceitos Chave*.

TODOROV, Tzvetan. *Prólogo*, In. BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo. 2010.

WOOLF, Virginia. **Os diários de Virginia Woolf**. Seleção e Tradução de José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOOLF, Virginia. **"Profissões para mulheres e outros artigos feministas"**. Rio de Janeiro. L&PM, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adesismo 18
Apocalipse 183, 184, 185, 186, 187
Arquitetura Escolar 1, 5, 8, 16

B

Bailarino 156, 159, 161, 162, 163, 164, 165
Barão do Abiahy 18, 19
Brasil Colonial 166, 172
Brasil Império 18, 19

C

Cesare Brandi 267, 268, 278
Cinema 148, 159, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 251, 252, 275
Cristãos-novos 284
Cronologia 122, 146, 154, 155
Cultura Cigana no Brasil 133

D

Dança 141, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172
Descaracterização 279, 280, 281, 282
Desenvolvimento 1, 3, 4, 7, 9, 13, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 132, 139, 146, 152, 157, 158, 161, 164, 194, 197, 219, 222, 242, 243, 250, 251, 257, 259, 261, 263, 266, 289
Direitos 65, 81, 87, 92, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 124, 130, 131, 144, 177, 178, 212, 227, 260
Disputas 21, 87, 180, 214, 263

E

Escolarização 1, 3, 4, 8, 9, 11, 15, 63, 65, 77, 78, 82, 133, 237
Experiência 13, 14, 35, 38, 45, 47, 58, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 79, 86, 90, 162, 172, 176, 184, 196, 205, 228, 268

F

Formação 4, 5, 16, 20, 21, 22, 27, 42, 43, 47, 48, 51, 52, 56, 60, 77, 81, 85, 86, 88, 90, 98, 109, 111, 112, 113, 117, 119, 144, 145, 147, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 174, 177,

197, 202, 213, 218, 230, 232, 237, 238, 241, 242, 243, 247, 252, 260, 271, 275

G

Gênero 29, 31, 33, 35, 98, 107, 118, 165, 185, 186, 187, 189, 191, 196, 201, 202, 211, 230

H

Hiroshima 70, 71, 74, 76

Honra 70, 74, 75, 177

I

Identidade 15, 29, 41, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 111, 135, 139, 140, 141, 156, 166, 168, 169, 170, 171, 176, 194, 195, 197, 201, 220, 226, 228, 242, 243, 245, 254, 280

Instituição Escolar 1, 11, 46, 47, 49, 50, 51

Intolerância 133, 134, 139, 142, 144, 269

J

Jean-Baptiste Debret 229, 230, 231, 232, 239, 240

Judaísmo 183, 188, 191

L

Lei do Ventre Livre 18, 20, 22, 24, 77, 79, 81, 82, 84, 85

Linguagem 34, 47, 165, 166, 169, 170, 197, 201, 203, 204, 206, 209, 214, 226, 228, 233, 234, 241, 268, 271, 273, 275, 276, 277

M

Mata Atlântica 255, 258, 265

Memória 11, 12, 13, 14, 15, 17, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 50, 65, 69, 97, 98, 146, 147, 150, 155, 156, 169, 176, 194, 207, 229, 230, 232, 238, 240, 278, 279, 280

Migração 134, 217, 218, 221, 223, 228

Milícia 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131

Movimentos Sociais 65, 118, 173, 180, 182

Mulher 97, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 136, 137, 141, 201, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 230, 287

N

Nagasaki 70

Negros 55, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 141, 170, 171, 231, 232, 258

P

Pensamento 19, 22, 23, 29, 31, 34, 41, 52, 54, 58, 64, 66, 68, 72, 86, 90, 98, 100, 141, 144, 174, 182, 186, 188, 198, 207, 210, 219, 228, 232, 269, 285

Peronismo 192, 193, 194, 195, 199, 200

Política 3, 9, 11, 12, 15, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 48, 52, 56, 88, 93, 95, 99, 101, 112, 113, 119, 120, 128, 129, 130, 131, 139, 143, 151, 155, 161, 168, 169, 172, 173, 175, 176, 180, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 208, 219, 225, 232, 234, 235, 243, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 265, 285

Produção 3, 5, 6, 8, 10, 16, 29, 31, 32, 33, 34, 39, 44, 49, 50, 54, 60, 65, 76, 99, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 125, 128, 134, 162, 163, 175, 184, 189, 190, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 220, 231, 232, 235, 253, 255, 256, 257, 271, 272

Profano 166, 168, 169, 170

Q

Quilombos 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96

S

Sacro 166, 169, 263

Santo Ofício 284, 285, 286, 289, 292

Segunda Guerra Mundial 42, 43, 45, 70, 143

Sertão 146, 147, 151, 152, 155, 219, 224, 226, 245, 281

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 31, 35, 36, 39, 44, 46, 47, 50, 52, 63, 65, 66, 70, 71, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 89, 91, 93, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 118, 119, 123, 128, 132, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 154, 155, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 175, 177, 178, 181, 191, 194, 197, 203, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 219, 222, 223, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 240, 241, 242, 250, 263, 266, 273, 274, 275, 283, 287, 288, 292

T

Tempo 2, 3, 4, 9, 13, 14, 17, 20, 21, 25, 31, 34, 35, 36, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 60, 61, 66, 68, 69, 72, 73, 74, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 98, 101, 103, 105, 106, 112, 113, 115, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 131, 132, 134, 136, 138, 141, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 159, 167, 168, 170, 171, 173, 175, 183, 184, 185, 195, 199, 202, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 222, 227, 231, 233, 235, 242, 243, 249, 252, 258, 260, 265, 266, 268, 269, 270, 273, 274, 280, 281, 286

Territórios 37, 76, 87, 89, 93, 94, 95, 174, 182

Transformação 63, 99, 149, 169, 185, 195, 199, 243, 255

Turismo 119, 242, 246, 250, 251, 252, 253, 255, 262

U

Unidades de Conservação 255, 264

Urbanização 102, 143, 235, 242, 243, 250

V

Verdade histórica 28, 30, 37

Violência 9, 91, 97, 116, 121, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 143, 150, 155, 194, 197, 199, 260, 265

Z

Zapatismo 173, 174

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História